



Universidade Federal de Sergipe
Pró-Reitoria de Graduação
Campus de Laranjeiras
Departamento de Arqueologia

THAIS ANDRADE SANTOS

**O COTIDIANO E A INDÚSTRIA LÍTICA DO SAMBAQUI MORRO DAS CONCHAS 1,
CABO FRIO, RJ**

Laranjeiras/SE

2026

THAIS ANDRADE SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso II,
apresentado ao Departamento de
Arqueologia, como um dos requisitos
obrigatórios para aprovação no curso de
Arqueologia da Universidade Federal de
Sergipe.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Barbosa da
Costa Guimarães

Laranjeiras

Sergipe

THAIS ANDRADE SANTOS

**O COTIDIANO E A INDÚSTRIA LÍTICA DO SAMBAQUI MORRO DAS CONCHAS 1,
CABO FRIO, RJ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em 27 de fevereiro de 2026 no Campus de Laranjeiras (UFS) à seguinte banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Marcia Barbosa Guimarães
Orientadora
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof. Dr. Guilherme Zdonek Monjeló
Examinadora Interna
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Profa. Dra. Cristiana de Cerqueira Silva Santana
Examinadora Externa
Universidade Estadual da Bahia (UNEB)

DARQ

LARANJEIRAS

2026

Agradecimentos

Está chegando ao fim esta caminhada, marcada por desafios, aprendizados e descobertas, que só foi possível graças ao apoio da minha família, dos meus amigos e dos professores que tive a oportunidade de conhecer na Universidade Federal de Sergipe.

Primeiramente, expresso minha gratidão à minha mãe, Lucielma de Souza, por sempre me incentivar a correr atrás dos meus sonhos e por nunca desistir, mesmo diante das dificuldades. Foi ela quem me deu coragem para voar além de casa e descobrir novos horizontes, sempre acreditando no meu potencial, mesmo quando eu mesma duvidei.

Ao meu avô, Antônio Barbosa, aquele que me criou como um verdadeiro pai e com quem guardo as mais belas e preciosas memórias, que levarei comigo por toda a vida. Aos seus 83 anos, carrega uma sabedoria serena, construída ao longo do tempo, que sempre guiou meus passos e acalmou meu coração nos momentos de incerteza.

À CAJUFS (Empresa Júnior de Arqueologia), que teve papel significativo em minha formação acadêmica e no desenvolvimento do meu aprendizado profissional, onde tive a oportunidade de atuar como diretora administrativa, experiência que contribuiu de forma marcante para o meu amadurecimento. Registro, especialmente, minha gratidão a Luana, Ivinnny, Renato e Beatriz, pelas experiências compartilhadas ao longo dessa trajetória. Ao professor Bruno Sanches, que desempenhou um papel fundamental como orientador no âmbito da empresa, manifesto meu reconhecimento pelo apoio, pela confiança e pelos ensinamentos que levarei para minha vida acadêmica e profissional.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Márcia Barbosa, rendo minha profunda gratidão pela oportunidade de aprender e crescer ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Desde que me acolheu no laboratório, tive o privilégio de adquirir conhecimentos valiosos. Além disso, deixo registrado meu respeito e admiração por sua competência e por ser uma pessoa inspiradora.

Às minhas amigas, deixo meu carinho e reconhecimento pela amizade, pelo apoio e por estarem ao meu lado ao longo dessa caminhada. Ao meu companheiro, que compartilha a vida comigo desde o início da faculdade, expresso minha gratidão pela parceria, pelo apoio diário, pela paciência e por caminhar ao meu lado em todos os momentos desta jornada.

Por fim, dedico estas palavras a uma pessoa muito especial, que infelizmente não está mais aqui: minha avó, Maria de Lourdes, que foi minha segunda mãe. Uma mulher extraordinária, fonte de inspiração por sua força, sua garra e sua capacidade de sorrir mesmo diante das maiores dificuldades. Sua bondade, seu carinho e sua luz marcaram profundamente a minha vida, e sou eternamente grata por ter tido a honra de caminhar ao seu lado desde que me entendo por gente. Espero que, onde quer que esteja, esteja em paz e orgulhosa de mim. Este trabalho também é para a senhora

Lista de Figuras

Figura 1- Mapa da área de estudo. Fonte: Barbosa guimarães (2020).....	34
figura 2 – Secção estratigráfica das colunas amostrais da linha norte, sambaqui mc1. Elaboração: Barbosa-guimarães, 2020,.....	35
figura 3 - Curva de variação relativa do nível do mar para o litoral do estado do rio de janeiro, sudeste do brasil. Retirado de cunha et al (2014).....	37
figura 4-Vista do sambaqui mc1 para: (a) sambaqui morro do vigia; (b) praia das conchas; (c) praia do peró. Foto: barbosa-guimarães, 2019.....	38
figura 5- Alguns exemplares da indústria lítica do sítio mc1: acima, da direita para à esquerda: polidor, núcleo bipolar e lasca bipolar; abaixo, da direita para à esquerda: mão de pilão, micro lasca e lasca espessa. Retirado: márcia barbosa, 2018, 2025.....	39
figura 6-Gráfico de frequência das categorias líticas, na camada 2, do sambaqui mc1. Retirado: autoria própria, 2025.....	40
figura 7-Distribuição espacial da indústria lítica no sambaqui mc1. Retirado: autoria própria, 2025.....	41

Lista de Quadro

Quadro 1 – Resumo das informações sobre os sítios arqueológicos da comunidade sambaquiana da Praia das Conchas, Cabo Frio, RJ elaborado por: Márcia Barbosa, 2019.....	33
--	----

Resumo

Esta monografia integra o projeto “Paisagens Sambaquianas: Paisagens da Memória (Produtividade – CNPq)”, com enfoque no sítio Morro das Conchas I, localizado no estado do Rio de Janeiro, e tem como objetivo compreender a dinâmica do sambaqui por meio da análise de sua indústria lítica, a partir da dispersão espacial desses materiais. Os resultados indicam tratar-se de um sambaqui caracterizado pela realização de múltiplas atividades do cotidiano, representando a fase final da ocupação sambaquiana no litoral fluminense.

Palavras-chave: Práticas Sociais, Comunidade Sambaquiana, Distribuição Espacial

Abstract

This monograph is part of the project “*Paisagens Sambaquianas: Landscapes of Memory (Productivity – CNPq)*”, focusing on the Morro das Conchas I site, located in the state of Rio de Janeiro. Its objective is to understand the dynamics of the sambaqui through the analysis of its lithic industry, based on the spatial distribution of these materials. The results indicate that it is a sambaqui characterized by the performance of multiple everyday activities, representing the final phase of sambaqui occupation along the coast of Rio de Janeiro.

Keywords: Social Practices, Shellmiddens, Spacial Distribution

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1. PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE A INDÚSTRIA LÍTICA DAS COMUNIDADES SAMBAQUIANAS	11
1.1 A construção do pensamento sobre sambaquis e a indústria lítica.....	11
1.2 Metodologias contemporâneas: uma análise das pesquisas líticas no século XXI.....	17
<i>1.2.1 Os amoladores fixos nas pesquisas líticas do século XXI.....</i>	<i>17</i>
<i>1.2.2 Os artefatos líticos</i>	<i>18</i>
2. OLHARES TEÓRICOS SOBRE AS COMUNIDADES SAMBAQUIANAS	21
2.1 A Ecologia Cultural e o Processualismo.....	21
2.2 A História Indígena.....	25
2.4 Outros olhares teóricos	28
2.5 O nosso olhar	30
3. A INDÚSTRIA LÍTICA DAS COMUNIDADES SAMBAQUIANAS DO SAMBAQUI MORRO DAS CONCHAS 1.....	31
4. CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ARTEFATOS LÍTICOS E DO COTIDIANO NO SAMBAQUI MORRO DAS CONCHAS 1	42
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

Este trabalho está estruturado em quatro capítulos, organizados de modo a apresentar o referencial teórico, a abordagem metodológica, os dados analisados e sua interpretação arqueológica.

No primeiro capítulo, panorama dos estudos da indústria lítica das comunidades sambaquianas, apresentamos uma revisão da literatura sobre a indústria lítica em contextos sambaquianos, abordando desde os estudos pioneiros até as pesquisas mais recentes, com o objetivo de compreender o desenvolvimento das interpretações sobre esses vestígios arqueológicos.

No segundo capítulo, olhares teóricos sobre as comunidades sambaquianas, discutimos as principais abordagens teóricas aplicadas ao estudo desses sítios e apresentamos o referencial teórico que fundamenta esta pesquisa.

No terceiro capítulo, análise da indústria lítica do sambaqui morro das conchas, apresentamos os dados obtidos a partir das atividades de campo e laboratório, incluindo a caracterização dos artefatos e sua distribuição nas camadas arqueológicas identificadas.

No quarto capítulo, artefatos líticos e o cotidiano no sambaqui morro das conchas, apresentamos a interpretação dos resultados, buscando compreender o papel da indústria lítica nas práticas cotidianas da comunidade sambaquiana.

A organização deste estudo está diretamente relacionada à importância dos sambaquis enquanto contextos fundamentais para a compreensão das populações pré-coloniais do território brasileiro. Os sambaquis são sítios arqueológicos caracterizados por elevações formadas predominantemente pelo acúmulo de conchas, ossos faunísticos, vestígios vegetais queimados, estruturas de combustão, sepultamentos e artefatos, incluindo materiais líticos, ósseos e malacológicos. Esses sítios distribuem-se amplamente pelo litoral e por áreas ribeirinhas do Brasil, constituindo importantes registros das práticas sociais, econômicas e simbólicas dessas populações.

Além de sua relevância arqueológica, esses sítios também foram explorados historicamente devido à presença de carbonato de cálcio nas conchas, utilizado para a produção de cal em construções coloniais. Durante muito tempo, sua origem foi alvo de debates, até que pesquisas arqueológicas demonstraram sua natureza antropogênica, consolidando sua interpretação como resultado das práticas de grupos humanos ao longo do tempo.

É nesse contexto que se insere esta pesquisa, desenvolvida no sambaqui morro das conchas, no município de cabo frio (rj), que tem como objetivo analisar tecno-funcionalmente a indústria lítica e sua distribuição espacial e estratigráfica, buscando compreender sua relação com as práticas cotidianas e os processos de ocupação do sítio.

1. PANORAMA DOS ESTUDOS SOBRE A INDÚSTRIA LÍTICA DAS COMUNIDADES SAMBAQUIANAS

1.1 A construção do pensamento sobre sambaquis e a indústria lítica

Durante a colonização do Brasil, os cronistas europeus descreveram o litoral a partir de suas próprias referências culturais, afirmando a existência de aldeias indígenas fixas tanto em ilhas quanto no continente. No entanto, esses relatos priorizavam a observação da paisagem e não buscavam compreender profundamente a cultura ou o modo de vida dessas populações. Frei Gaspar de Madre de Deus, na obra *Memórias para a história da Capitania de São Vicente* (1797), contesta essa interpretação para o litoral, ao negar a existência de aldeias permanentes nessa faixa costeira. Segundo ele, a ocupação indígena ocorria de forma sazonal, baseada principalmente na coleta intensiva de conchas para alimentação. Com o passar do tempo, o acúmulo dessas conchas teria originado os montes conchíferos, posteriormente recobertos por camadas de areia, o que levou a interpretações equivocadas sobre a origem antrópica dessas formações.

Ainda que não formulado em chave científica, o relato de Frei Gaspar possui grande relevância historiográfica justamente por se destacar em um período marcado por severas restrições à ciência sistemática no território colonial brasileiro. Isso se explica porque, durante o período colonial, Portugal adotou uma política de isolamento territorial, como indica o trecho: “[...] por conta do esforço dos portugueses em manter as ‘novas’ terras fechadas aos olhos das demais potências europeias, evitando confrontos por interesses econômicos” (Alves; Gaspar, 2023, p. 44). Nesse sentido, a Coroa Portuguesa restringiu o desembarque e a circulação de naturalistas, botânicos e outros estudiosos estrangeiros, temendo que a produção de conhecimento científico sobre o território e seus recursos estratégicos abrisse caminho para disputas geopolíticas ou ameaçasse o monopólio econômico da metrópole sobre a colônia. Assim, a ciência naquele período não pode ser compreendida como atividade desvinculada da política, pois integrava o aparato de poder dos impérios europeus, atuando como ferramenta de mapeamento, classificação e potencial reivindicação de rotas e riquezas naturais em um cenário de

intensa competição entre territórios. Controlar quem podia observar, descrever ou investigar o Brasil era, portanto, também uma forma de controlar narrativas e informações estratégicas sobre o território colonial.

Paralelamente ao controle exercido sobre a ciência estrangeira, na colônia as autoridades metropolitanas também demonstravam desconfiança em relação a investigações que conferissem densidade histórica e cultural ao passado indígena. Temia-se que a produção e difusão de conhecimento científico sobre a natureza local e sobre culturas nativas alimentassem discursos identitários nativistas, potencialmente contrários aos interesses da metrópole, como indicado por Alves e Gaspar (*op cit*, p. 44). Portanto, a pesquisa sobre os sambaquis não foi inviabilizada pela ausência de interesse, mas pelo receio de que o conhecimento, quando apropriado fora do rígido controle colonial, pudesse produzir narrativas e imaginários mobilizadores de valores opostos ao projeto metropolitano.

É nesse contexto que o testemunho do Frei adquire singularidade, pois, embora não atuasse como naturalista nem estivesse submetido às interdições impostas a pesquisadores estrangeiros, suas descrições derivam da experiência de circulação no litoral vicentino como religioso e cronista integrado ao próprio universo colonial. Em sua narrativa sobre os sambaquis, o autor descreve que: “na maior parte delas ainda se conservam inteiras as conchas, e nalgumas acham-se machados (o dos índios eram de seixo muito rijo), pedaços de panelas quebradas, ossos de defuntos [...]” (Madre de Deus, 2010, p. 34), oferecendo um dos primeiros registros observacionais da presença de objetos líticos em sambaquis e uma das associações descritivas mais antigas entre esse tipo de sítio e o repertório material indígena. Diferentemente do jesuíta José de Anchieta, que havia denominado tais formações como “Ilhas de Casca” sem atribuir a elas uma origem antrópica declarada, o Frei avança narrativamente para um olhar que admite a ação humana como parte da conformação da paisagem (Alves; Gaspar, 2023).

A superação do silenciamento e da ausência de investigações sistemáticas, predominantes no período colonial, torna-se mais evidente ao longo do século XIX, quando os sambaquis passam gradualmente a integrar o debate intelectual no Brasil, em um contexto em que a arqueologia também se consolidava como campo científico na Europa.

Segundo Alves e Gaspar (op. cit.), a abertura dos portos, formalizada em 1808 por meio do Decreto de Abertura dos Portos às Nações, possibilitou a intensificação do intercâmbio científico e a entrada de naturalistas e estudiosos estrangeiros no território brasileiro. Esse movimento teve importantes desdobramentos institucionais, como a criação do Museu Real, em 1818, e a fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838, que passaram a desempenhar papel central na produção e na legitimação do conhecimento histórico e arqueológico.

Apesar desses marcos inaugurais, o material lítico dos sambaquis somente se torna objeto de coleta formalmente documentada na segunda metade do século XIX, especialmente a partir de 1864, com as expedições de Jacques de La Hure, conduzidas sob o título de Conde (Alves; Gaspar, *op. cit.*, p. 45–48). Esse registro inaugural de coleta favoreceu, nas décadas seguintes, a inserção dos sambaquis e do material lítico no horizonte intelectual do Brasil.

Em 1875, o etnógrafo austríaco Charles Wiener publicou a obra *Os sambaquis no Sul do Brasil*, na qual discute, além da composição do sambaqui e de seu terreno, os materiais encontrados nos sítios costeiros de Santa Catarina, incluindo diferentes formas de machados, objetos utilizados para esmagar frutos, pontas de flecha, formas denominadas almofarizes e, entre elas, o que hoje se conhece como zoólitos, bem como pedras para amolar, algumas até empregadas como pratos.

O primeiro modelo, (Est.1, fig,5) consiste em um cylindro muito regular, ligeiramente arredondado nas duas extremidades. O segundo modelo, (EST.I, fig, 6) assemelha-se aos afiadores de navalha. Deviam servir-se deste instrumento sobre uma outra pedra chata, enquanto que o primeiro servia para esmagar objectos duros que se collocavam num almofariz. O terceiro modelo consiste em um seixo polido pelas ondas e achatado lado pelo atrito constante (Wiener, 1875, p.14).

A partir dos vestígios encontrados nos sambaquis ou próximos a eles, Wiener (1875, p. 5-20) conclui que a distinção rígida entre pedra lascada e pedra polida não se aplica de forma uniforme, uma vez que muitas pedras já apresentavam desgaste ou polimento natural pelo atrito ambiental, e não por ação humana deliberada, de modo que o polimento nem sempre indica o 'segundo período' da Idade da Pedra. Além disso, o estudo evidencia que os sambaquis podem apresentar origem natural, mista (natural e artificial) ou completamente artificial. Entre os argumentos que sustentam a existência de sambaquis de origem natural, Wiener (*op cit*) aponta a interferência das marés alta e baixa, que produz padrões irregulares distintos daqueles resultantes da ação humana

intencional, caracterizando depósitos de lixo e restos alimentares em locais secos, nos quais ossos humanos também poderiam representar restos alimentares.

No ano seguinte, o pesquisador brasileiro Guilherme Schüch de Capanema, físico e engenheiro com atuação nas ciências naturais durante o período imperial, divulgou na Revista *Ensaio de Sciencia*, periódico que reunia estudos científicos diversos sobre o território e a cultura material do litoral brasileiro, incluindo observações sobre artefatos de pedra associados a sambaquis. Em seus *Ensaio de Sciencia* (1876, p. 85), o autor descreve a composição dos sambaquis, afirmando que “[...] encontram-se itens de pedra, cacos de panella e de potes (nunca me constou que se encontrasse uma panella inteira, servível), pedaços de carvão, restos de tições, etc.”. Embora reconheça a presença de instrumentos de pedra, hoje classificados como material lítico, ele interpreta os sambaquis como acúmulos decorrentes do descarte cotidiano em áreas costeiras, sem função construtiva formal. Para Capanema (1876), o depósito de conchas resultava da limpeza do solo, reunindo repetidamente restos de comida e fragmentos cortantes, e a presença ocasional de ossos humanos não indicava enterramentos, mas resíduos dispersos do dia a dia.

O debate travado com Jacques de La Hure, mencionado por Alves e Gaspar (*op cit*, p. 48–49), mostra o posicionamento inicial de Capanema, que refutava interpretações que atribuíam os sambaquis a grupos indígenas de uma mesma etnia, como havia sido sugerido pelo Conde em meados da década de 1860. No entanto, ao revisar sua própria interpretação posteriormente, Capanema (*op cit*, p. 87) abandona a explicação de origem natural para o depósito de conchas, aproximando-se do pensamento de Wiener, e acrescenta um fator geológico: o mar não subia mais para transportar as conchas, mas explica que muitos sambaquis hoje distantes do litoral teriam sido originalmente formados junto à água salgada, tornando-se afastados posteriormente devido à lenta elevação do litoral e ao deslocamento gradual da linha costeira ao longo do tempo.

Nesse contexto de revisão teórica sobre a origem dos sambaquis e valorização crescente do papel humano, Ladislau de Souza Mello e Netto, botânico e diretor do Museu Nacional, publicou na Revista da *Exposição Antropológica Brasileira*, o artigo *A origem dos sambaquis* (1882, p. 37), no qual interpreta os sambaquis como depósitos formados principalmente pela ação humana, acumulados gradualmente por grupos indígenas a partir de ocupações junto à costa. Essa hipótese seria posteriormente criticada por Hermann von Ihering (1895), que contestou a ideia de formação durante o inverno,

argumentando que, nas regiões meridionais do Brasil e na costa argentina, as condições climáticas frias, úmidas e de ventos intensos tornariam o litoral um ambiente pouco favorável para a permanência prolongada nessa estação.

Apesar das divergências sobre quando e como os depósitos se formavam, Ladislau Netto diferencia-se de outros pensadores do século XIX ao compreender os sambaquis não apenas como acúmulos resultantes da alimentação cotidiana, mas também como espaços atravessados por dimensões rituais. Diferentemente de muitos autores de sua época, o pesquisador relaciona o conteúdo desses sítios a aspectos econômicos e simbólicos. Em sua análise, o autor (Netto, 1882, p. 38) menciona a presença de sepultamentos distribuídos em diferentes camadas do depósito, associados a fragmentos cerâmicos, sugerindo que esses locais também estavam vinculados a práticas funerárias.

Além dos restos alimentares, como mariscos e espinhas de peixe, o estudioso (Netto, *op. cit.*) indica que os sambaquis contêm fragmentos de cerâmica primitiva e instrumentos de pedra semelhantes aos encontrados em contextos indígenas do interior. Sua interpretação aponta ainda que esses depósitos incluem artefatos líticos de uso cotidiano, demonstrando que as técnicas de pedra lascada e polida coexistiam no mesmo horizonte material, não como estágios cronológicos sucessivos, mas como categorias funcionais distintas dentro de um mesmo modo de vida. Dessa forma, a presença de material lítico nos sambaquis reforça a ideia do uso prático dessas ferramentas pelas populações indígenas, incorporadas ao depósito ao longo da ocupação, caracterizando-o tanto como um local de enterramento quanto como um espaço de atividades cotidianas.

Parece, entretanto, que, em tudo semelhantes aos *kojkknmoddings* da Dinamarca, foram estes depósitos de conchas marinhas também formados e acumulados gradualmente pela mão do homem, pois que, de per meio com os mariscos e espinhas de peixe que os constituem, acham-se ahi, como nos *kojkknmoddings* da Europa e da América do Norte, fragmentos de louça primitiva, artefactos de pedra, idênticos aos das tribos do interior (Netto, 1882, p. 38).

Alguns anos após seu posicionamento inicial, Ladislau Netto publicou um novo estudo no periódico *Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*, em 1885. Segundo Silva (2012, p. 41), nessa publicação o autor se dedicou, pela primeira vez, à descrição morfológica dos artefatos líticos identificados no Rio Grande do Sul, analisando forma, acabamento e características físicas das peças, um aprofundamento que não havia sido realizado por ele na revista anterior, a Revista da *Exposição Anthropologica Brasileira*, de 1882.

Nesse mesmo movimento intelectual, marcado pelo interesse crescente na compreensão da cultura material meridional, o naturalista alemão H. von Ihering, diretor do Museu Paulista, publicou, em 1895, a obra *A Civilização do Brasil Meridional*, na qual também realizou descrições morfológicas e funcionais de artefatos presentes em sambaquis. Ihering descreve instrumentos como a pedra “quebra-nós”, o machado semi-circular, o tabetá e ainda objetos resultantes do contato colonial, como um cachimbo de origem portuguesa, ampliando assim a observação do lítico como vestígio dotado de forma, função e contexto:

Tem estas pedras em geral um diâmetro de 4 a 8 cm., raras vezes de 10 e mais. O seu uso era até bem pouco tempo ignorado, suppon lo os investigadores que serviam para polir o barro na fabricação de vasos e outros utensílios keramicos. Strohel (III, Tab. X, fig. 5) e Ameghino (I, fig. 305, pag. 454), descrevem semelhantes pedras da Argentina, porém nada dizem a respeito do seu uso (Ihering, 1895, p.69).

Alguns instrumentos líticos foram encontrados tanto em sítios não associados a sambaquis, quanto em outros contextos indígenas, corroborando a observação de Wiener de que não é possível distinguir rigidamente duas fases da Idade da Pedra na América do Sul. Segundo Ihering (1885, p. 61), especialmente no Rio Grande do Sul, no Uruguai, na Argentina e nos sambaquis do Brasil, os instrumentos de pedra lascada e polida coexistem nos mesmos contextos arqueológicos, de modo que a “fase da pedra polida” e a “fase da pedra lascada” não se sucedem cronologicamente, mas aparecem simultaneamente.

Uma característica que diferencia Ihering de outros autores citados anteriormente é que ele adota um raciocínio naturalista: embora reconheça que os povos indígenas habitavam os sambaquis e utilizassem seus recursos, nega que os montes em si sejam produtos artificiais deliberados. Para ele, a ação humana é uma contribuição secundária, enquanto a formação principal é de origem natural. Ihering explica:

Jullgo provável, pois, que estes grandes sambaquis são formados pela natureza, sendo mais tarde pela elevação lenta da costa levantados a um nível mais alto. Se nisto tenho razão ficavam conservadas estas ostreiras, sendo carregado ao mar pela acção dos athmospherilios a camada de terra ou areia que as cobriu e uniu (IHERING, 1875, p.123).

Como se pode perceber, os estudos do século XVIII estavam inicialmente voltados para definir a origem dos sambaquis. Já no século XIX, as pesquisas não se pautaram de forma aprofundada na descrição dos materiais que compunham esses sítios (SOUZA, 2012, p. 42). Ao longo do século XX, outras metodologias também foram incorporadas

aos estudos dos sambaquis, como é discutido ao longo desta monografia, ampliando significativamente as abordagens sobre a composição, formação e dinâmica desses sítios.

1.2 Metodologias contemporâneas: uma análise das pesquisas líticas no século XXI

1.2.1 Os amoladores fixos nas pesquisas líticas do século XXI

Os amoladores-polidores fixos, amplamente discutidos por diferentes autores que analisaram contextos sambaquieiros, são descritos por Prous (1992, p.226) por meio dos chamados “moinhos de bugres”. Para o autor, essas estruturas não constituem artefatos produzidos intencionalmente, mas sim superfícies naturais transformadas pelo uso, indicando uma concepção funcional baseada na recorrência de atividades sobre o suporte. Essa perspectiva aproxima-se da interpretação desenvolvida por Amaral e sistematizada por Tenório (2003, p. 90), segundo o qual “[...] aborda esses instrumentos como objetos passivos, resultantes e não construídos com um objetivo final [...]”.

Os registros sobre a interpretação dos polidores fixos aparecem na literatura alguns anos após o início da colonização. Os primeiros autores a mencioná-los, como Rohr, sugeriram que essas depressões em rocha teriam funcionado como estruturas destinadas à moagem de farinha. Em trabalhos posteriores, especialmente na década de 1990, Gaspar e a própria Tenório reforçaram a compreensão de que os polidores eram utilizados principalmente no polimento de machados. Amaral expandiu essa perspectiva ao propor que também poderiam ter sido empregados no preparo de outros materiais, como zoólitos (Tenório, 2003, p. 88–90).

A discussão teórica concentra-se historicamente em regiões clássicas de ocorrência de sambaquis, como Rio de Janeiro e Santa Catarina. No entanto, Santana et al (2013) contribui para o debate ao apresentar novos contextos arqueológicos fora desse eixo tradicional, como Angolá, em Maragogipe, e o sítio Pedra do Índio, em Esplanada, ambos no litoral norte da Bahia. Ainda que esses locais contenham feições como frisos, bacias e pequenas cavidades compatíveis com áreas de trabalho lítico, os autores ressaltam que não há associação direta entre os polidores e sambaquis, apesar de haver sambaquis na região.

1.2.2 Os artefatos líticos

André Pierre Prous Poirier (1992), arqueólogo reconhecido por sua atuação na Arqueologia Pré-Histórica e por suas pesquisas sobre a pré-história em Minas Gerais, contribui de forma fundamental para a compreensão dos processos culturais das populações pré-coloniais no Brasil, incluindo os grupos construtores de sambaquis. Em *Arqueologia Brasileira*, no capítulo VIII, seção “Os sambaquis marítimos”, o autor desenvolve uma pesquisa de caráter qualitativo e quantitativo a partir de um amplo levantamento bibliográfico, analisando diferentes sítios do Centro-Sul brasileiro, sobretudo no estado de São Paulo.

Por meio da análise qualitativa, Prous (1992) examina diversos autores e suas interpretações, elaborando um quadro comparativo no qual foi necessário interpretar dados incompletos e realizar deduções. A partir dessa análise, foi possível identificar que, em diversos sambaquis, ocorrem vestígios associados simultaneamente a atividades de habitação, práticas funerárias e estruturas de combustão.

O autor conclui que não há uma especialização rígida dos sambaquis como “sítios cemitérios” ou “sítios de habitação”, uma vez que restos humanos foram encontrados até mesmo em sondagens mais modestas. Assim, Prous (*op cit*, p. 216) apresenta os sambaquis como espaços multifuncionais e reconhece que essa diversidade de usos dificulta uma classificação unívoca, refletindo a complexidade desses sítios e das populações que os formaram.

Essa perspectiva difere da classificação proposta por Belem (2011, p. 1), que distingue os sítios arqueológicos em três categorias principais:

- 1) sambaquis de grandes dimensões com estratigrafia complexa e associáveis a contextos funerários; 2) sítios de menores dimensões, com estratigrafia simples, sendo conchas e sedimentos o material construtivo, onde não há evidências de sepultamentos, e 3) sítios líticos, geralmente situados no entorno dos sambaquis (Belem,, 2011, p.1).

Outra diferença relevante, influenciada também pelos anos que separam as duas publicações, diz respeito aos métodos de análise utilizados. Observa-se que Prous (1992, p. 236–238) trabalha principalmente em uma escala macro, voltada para tendências amplas, variações ao longo do tempo e comparações entre diferentes sítios, analisando ao todo 29 sambaquis. Já Belem (2011, p. 1–5) atua em escala micro, concentrando-se na organização espacial, na cadeia operatória e nos processos de formação do registro

arqueológico. No caso do sítio LB II, cada vestígio lítico foi plotado in situ, fotografado e registrado de forma sistematizada, permitindo uma leitura detalhada da distribuição e da dinâmica tecnológica do conjunto lítico.

Belem (2011, p. 4–5), em sua análise qualitativa dos materiais líticos, dedica-se a compreender os processos tecnológicos presentes no sítio estudado. Sua metodologia inclui a identificação dos suportes utilizados, revelando preferência pelo uso de seixos e, em menor escala, de suportes indeterminados e lascas. A classificação tipológica permitiu identificar almofarizes, artefatos lascados, quebra coquinhos e peças multifuncionais. A partir da leitura dos mapas topográficos e da distribuição superficial dos artefatos, a autora observa que, apesar dos processos pós-deposicionais, muitos conjuntos permanecem organizados, sugerindo possibilidades de remontagem e associações funcionais.

A autora mobiliza conceitos clássicos da arqueologia processual, especialmente as categorias de refugo propostas por Schiffer (1972), para demonstrar que o sítio LB II não se trata de um local de descarte, como anteriormente presumido. Tendo os três tipos de classificações, sobre o refugo primário e secundário é dito que:

Os dois se referem a elementos que foram descartados (comparados com o refugo propriamente dito), mas no caso do refugo secundário, o local do descarte final não é o mesmo do local de uso. O refugo primário é o material descartado no seu local de uso (figura 2.3) (SCHIFFER, 2005, p.5).

Já o refugo de fato corresponde aos “Os elementos que aparecem em um contexto arqueológico sem terem passado por atividades de descarte são chamados de refugo propriamente dito” (SHIFFER, 2005, p.6). No sítio LB II, a aplicação dessas categorias evidenciou a predominância de refugo de fato, indicada por atributos como alta fragmentação associada à integridade estrutural dos artefatos, grande volume de peças passíveis de remontagem e forte coesão espacial entre os conjuntos. Tais características demonstram que a quebra e a dispersão dos materiais não se vinculam a práticas intencionais de descarte, mas a processos pós-deposicionais, como intemperismo e dinâmica dunar, que afetaram o depósito. Ademais, a presença de artefatos médios e grandes concentrados em áreas específicas indica a realização de atividades no próprio local, sugerindo que parte substancial da organização espacial original foi preservada.

Essa distinção entre métodos de análise observada em Prous (1992) e Belem (2011) dialoga diretamente com as intervenções arqueológicas conduzidas por Silva (2012), que combinam perspectivas macro e micro para compreender a formação dos sambaquis do Bacanga, Panaquatira e Paço do Lumiar. Foi feita uma intervenção em cada

sítio que incluiu coleta georreferenciada em superfície, decapagens com trincheiras e escavações amplas, permitindo observar tanto a disposição espacial quanto a sequência temporal das camadas. Durante a decapagem, os vestígios permaneciam *in situ* para registro detalhado incluindo desenho, fotografia e documentação de posição e proveniência, seguindo princípios associados à Escola Francesa Estruturalista e em uma escala micro (Silva, *op cit*, p. 144–145).

Paralelamente, a análise dos artefatos líticos foi conduzida segundo o conceito de cadeia operatória, considerando que o “[...] estudo envolve a compreensão dos contextos relacionados à aquisição de matéria-prima, manufatura do artefato, concepção mental e física deste, uso, descarte e uma possível reutilização do(s) objeto(s) lítico(s)” (SILVA, 2012, p.315). Essa abordagem é macro, pois através da análise do material lítico é feita uma comparação entre os sítios que permitiu identificar, especialmente no sambaqui da Panaquatira e, em menor grau, no Paço do Lumiar, a presença de alterações tecnológicas e de artefatos diferenciados que sugerem ocupações posteriores ao período sambaquianos. As cronologias obtidas reforçam essa interpretação: enquanto a ocupação sambaquiiana concentrou-se entre 1620 e 1910 anos AP, o registro mais antigo do Panaquatira, datado de 3840 anos AP, indica momentos distintos de frequência humana. Assim, evidencia-se que a Ilha de São Luís foi ocupada em diferentes períodos, revelando uma dinâmica histórica mais complexa do que anteriormente pressuposto (SILVA, *op cit*, p.400-406).

Sob uma perspectiva recente sobre gênero e que difere das visões vistas até agora, De Alencar (2019) optou por uma abordagem queer para o sítio Tenório, na qual a análise da distribuição de artefatos associados a sepultamentos permite questionar a tradicional divisão entre “mulher coletora” e “homem caçador”. Nesse contexto, a produção lítica é evidenciada pelo autor como uma prática social compartilhada entre diferentes idades e gêneros, indicando papéis produtivos variados e identidades flexíveis ao longo do curso de vida. A responsabilidade pela atividade lítica, portanto, não se restringia exclusivamente aos homens adultos. Pois ferramentas mais especializadas, como machados e lascas de quartzo, foram encontradas em sepultamentos femininos, enquanto o ocre apareceu predominantemente em contextos masculinos, com exceção de uma mulher idosa, evidenciando uma renegociação dos papéis de gênero ao longo da vida (De Alencar, *op cit*, p.9-14).

Como se observa, as diferentes escalas e métodos de análise conduzem a interpretações distintas sobre a organização dos sambaquis. Em uma perspectiva macro,

como a desenvolvida por André Prous, a diversidade de vestígios e a recorrente associação entre práticas habitacionais e funerárias reforçam a ideia de espaços não rigidamente especializados. Já abordagens em escala micro, como a de Belem (2011), demonstram que análises intra-sítio podem identificar concentrações artefatuais, processos tecnológicos específicos e padrões espaciais preservados.

Da mesma forma, os trabalhos de Silva (2012), ao articular macro e microanálises por meio da cadeia operatória e de intervenções sistematizadas, evidenciam que a compreensão da dinâmica sambaqueira depende da integração entre distribuição espacial, tecnologia e cronologia. Em outra perspectiva, Soraya Martins de Alencar amplia o debate ao incorporar uma abordagem queer, demonstrando que a produção lítica também deve ser entendida como prática social, vinculada a gênero, idade e identidade.

Assim, percebe-se que a interpretação da organização espacial dos sambaquis não é determinada apenas pelo registro material em si, mas também pela escala analítica e pelos referenciais teóricos adotados. Permanece em debate, portanto, até que ponto a distribuição da indústria lítica permite reconhecer áreas de atividades diferenciadas ou se as práticas se apresentam de forma sobreposta no interior dos sítios.

2. OLHARES TEÓRICOS SOBRE AS COMUNIDADES SAMBAQUIANAS

2.1 A Ecologia Cultural e o Processualismo

A pesquisa arqueológica junto às comunidades sambaquianas, que ocuparam o território brasileiro, ao longo do Holoceno, se caracteriza pela longa abordagem processualista, que teve início com os estudos, do final da década de 1980 e início da década de 1990, de Barreto (1989) e Gaspar (1991), alcançando até a atualidade. Essa continuidade da abordagem processualista não está restrita aos estudos destas comunidades, mas alcançam uma ampla diversidade de estudos sobre o período pré-colombiano no Brasil.

Márcia Barbosa Guimarães (2003) analisa como o sambaqui tem sido interpretado a partir de dois polos conceituais, lixo e luxo. A autora traça uma perspectiva das discussões desenvolvidas por duas correntes clássicas da arqueologia, naturalistas e artificialistas, apresentando os conceitos teóricos e as metodologias que foram sendo formulados ao longo do século XX, entre as quais se destacam a influência da Ecologia Cultural e do Processualismo.

A Ecologia Cultural e o Processualismo influenciaram o PRONAPA ao introduzir uma concepção organicista de cultura Segundo Gaspar (1991, p. 9, apud BARBOSA-GUIMARÃES, 2003, p. 7), segundo a qual a cultura é entendida como um sistema organizado, que funciona de modo semelhante a um organismo. Nessa perspectiva, cada parte possui uma função específica, de modo que as práticas culturais estão interligadas e atuam conjuntamente para garantir a adaptação e a sobrevivência de um grupo em determinado ambiente. Assim, alterações nos fatores ambientais podem implicar mudanças em aspectos como o padrão de assentamento. A metodologia adotada pelo programa, conforme Barbosa-Guimarães (2003) a partir de Gaspar (*op. cit.*: 9) escreve, baseia-se em analogias com o método taxonômico, adaptado para a arqueologia com o objetivo de classificar culturas a partir de semelhanças observáveis, organizando-as em fases e tradições.

No estudo dos sambaquis, a metodologia de análise baseava-se “a partir da realização de análises, principalmente dos restos faunísticos provenientes de sondagens, além de perfis estratigráficos parciais e dos aspectos locais dos sítios [...]” (Barbosa Guimarães, *op cit*, p. 7). Ou seja, a análise estava voltada a responder questões relacionadas à forma como os grupos sambaquianos exploravam o ambiente e reagiam às suas condições. Essa abordagem diferencia-se de pesquisas posteriores, que passaram a aprofundar-se de maneira mais sistemática na estratigrafia dos sambaquis e nos processos de construção desses sítios em relação ao ambiente costeiro. Cabe lembrar que Barbosa-Guimarães (*op cit*, p.1) aponta que tanto naturalistas quanto artificialistas possuíam objetivos semelhantes, especialmente no que se refere à identificação das variações do nível do mar e ao seu recuo ao longo do tempo. Nesse sentido, sob uma perspectiva artificialista influenciada pela ecologia cultural, a observação dos fatores ambientais continuou a desempenhar papel central nas interpretações sobre os sambaquis e como eles se localizavam na costa.

A autora também apresenta exemplos de como foram definidas as fases arqueológicas no âmbito do PRONAPA. Para o estado do Rio de Janeiro, Barbosa-Guimarães (*op cit*, p. 8–9) identifica a fase Macaé, cuja principal característica distintiva está relacionada ao porte dos sambaquis e à sua distribuição no terreno. Nessa fase, os sambaquis tendem a ser estruturas de menor dimensão e não apresentam um padrão fixo de distância em relação à linha de costa, o que indica uma menor preocupação em interpretar respostas adaptativas mais complexas associadas à ocupação do espaço.

Em contraste, a tradição Itaipu, ainda que descrita de forma menos detalhada, revela maior aprofundamento interpretativo ao ser subdividida em duas fases distintas, fase A e fase B. Essa subdivisão evidencia respostas adaptativas diferenciadas frente às transformações ambientais. As diferenças entre essas fases manifestam-se tanto nos modos de subsistência quanto na localização dos sambaquis. Na fase A, predominavam estratégias que combinavam a pesca com a coleta de vegetais e a caça, enquanto na fase B observa-se um maior investimento na pesca e a construção de sambaquis em áreas ambientalmente estratégicas, como praias abertas e regiões próximas às desembocaduras de lagoas (Barbosa Guimarães, *op cit*, p. 9).

Dessa forma, mesmo dentro de uma mesma tradição arqueológica, os grupos humanos apresentaram respostas adaptativas distintas. A partir dessas análises, torna-se mais evidente a influência da Ecologia Cultural, uma vez que o ambiente passa a ser compreendido como elemento central para explicar os padrões de assentamento, o uso do espaço e as escolhas locacionais.

A mesma autora demonstra que a tradição processualista tem sido fundamental para os estudos regionais sobre as comunidades sambaquianas, especialmente no que se refere à análise do padrão e do sistema de assentamento (Barbosa-Guimarães, 2011). Em “Mudança e colapso no Litoral Fluminense: os sambaquieiros e os outros no Complexo Lagunar de Saquarema”, Marcia Barbosa Guimarães (2011) desenvolve uma análise voltada à compreensão das transformações socioculturais decorrentes do contato intersocietal entre os grupos sambaquianos e populações ceramistas, fundamentando-se na análise dos padrões de assentamento, conceito central da arqueologia processualista. O estudo baseia-se na distribuição de datas calibradas de dezoito sítios localizados no Complexo Lagunar de Saquarema, obtidas por meio de levantamento bibliográfico; desses sítios, quinze estavam registrados no IPHAN, sendo que sete não foram localizados em campo e quatro novos sítios foram identificados, resultando na análise de um total de vinte e sete sítios arqueológicos.

Além disso, a autora emprega uma análise estatística multivariada, especificamente o método de cluster hierárquico, para comparar trinta e quatro camadas estratigráficas provenientes de doze sítios arqueológicos, com base em dez atributos e sessenta e seis variáveis. A aplicação desse método permitiu identificar dois grandes agrupamentos estratigráficos, um mais antigo, associado às unidades socioculturais sambaquianas originais, e outro mais recente, relacionado à emergência de novas

unidades socioculturais. Este segundo agrupamento inclui tanto contextos que preservam traços de continuidade com os grupos sambaquianos quanto contextos vinculados a grupos ceramistas, evidenciando um processo de reorganização social e o colapso gradual das unidades sambaquianas iniciais.

A análise de cluster também possibilitou compreender que as transformações observadas nos sítios do Agrupamento A e no agrupamento B que não ocorreram de forma abrupta, mas por meio de uma dinâmica de abandono e reocupação sucessiva dos sítios, e não pela ocupação simultânea dos sambaquis na região. Desde o sítio de Itaúnas, que representa a ocupação mais antiga identificada, com datações entre 6.726 e 6.356 anos cal AP, observa-se um processo contínuo de mudanças, que se intensifica a partir de aproximadamente 3.700 anos cal AP, quando passam a ocorrer alterações progressivas na coleta de moluscos, na estrutura dos sambaquis, agora caracterizados por uma matriz mineral orgânica, bem como nas tecnologias líticas, ósseas e nos recursos ictiológicos explorados.

Entre cerca de 3.300 e 2.000 anos cal AP, a ocupação concentra-se principalmente na margem interna da laguna, mantendo a economia de pesca e coleta, porém associada a um padrão tecnológico distinto dos períodos anteriores. Por fim, após aproximadamente 1.500 anos cal AP, observa-se uma breve retomada da ocupação sambaquiana, marcada pelo aumento populacional e pela intensificação da produção de artefatos, processo que foi interrompido pela consolidação da presença de grupos ceramistas, culminando no encerramento definitivo, da ocupação sambaquiana, no Complexo Lagunar de Saquarema.

Na discussão do texto, a autora destaca ainda um aspecto fundamental para a compreensão da longa ocupação do Complexo Lagunar de Saquarema pelos grupos sambaquianos, ao evidenciar que essa permanência esteve profundamente condicionada às características ambientais da Região dos Lagos e às transformações graduais do ambiente costeiro ao longo do Holoceno. A região oferecia condições altamente favoráveis à ocupação humana, como a presença de lagunas, manguezais, restingas e abundância de recursos aquáticos, fatores que possibilitaram a permanência prolongada desses grupos no território. Nesse sentido, Barbosa-Guimarães (2011, p. 84) exemplifica mudanças econômicas e tecnológicas ocorridas entre aproximadamente 6.726 – 6.356 anos cal AP e 4.980 – 4.700 anos cal AP, quando alterações ambientais provocaram

modificações na fauna disponível, levando os grupos a adaptar suas estratégias de pesca e suas tecnologias, sem que isso implicasse o abandono do território.

Essas transformações econômicas e tecnológicas foram acompanhadas por mudanças sociais e simbólicas, especialmente no âmbito das práticas funerárias, observadas, por exemplo, nas alterações na disposição dos corpos e na introdução de práticas de cremação. Tais mudanças estão associadas ao surgimento de sítios vinculados ao Agrupamento B, como o sambaqui da Pontinha, que adere à prática da cremação após o contato com tradições ceramistas. No entanto, esse processo não deve ser interpretado como uma troca unilateral, uma vez que os grupos ceramistas também incorporaram elementos da cultura sambaquieira, evidenciando um contexto de interação, negociação e transformação mútua entre diferentes tradições culturais.

Dessa forma, essa interpretação evidencia que os padrões de assentamento refletem a interação dinâmica entre os grupos sambaquianos, o ambiente e as tecnologias por eles desenvolvidas. A organização espacial no Complexo Lagunar de Saquarema resulta de um processo contínuo de adaptação, desenvolvimento e reorganização dos padrões de assentamento, o que, por sua vez, possibilitou a inserção gradual dos grupos ceramistas nesse contexto regional.

2.2 A História Indígena

Recente estudo tem abordado às comunidades sambaquianas ribeirinhas e em áreas alagadas, localizadas na Amazônia brasileira, a partir do conceito de Longa Duração, proposto por Braudel (1980), e que vem sendo fundamental para a construção da História Indígena, no Brasil (Correa, 2013; Silva e Noelli, 2016).

Este conceito está associado à ênfase na escala temporal e geográfica dentro da Escola de Annales (Ames, 1991). Assim, Braudel (1980) divide o tempo em três durações: eventos de curto prazo (dias, semanas, meses, alguns anos), conjunturas de duração média (anos, décadas, até grandes partes de séculos) e estruturas de longo prazo (que podem durar séculos, até milênios). Essa última duração é a longa *durée*. Fundamental para o pensamento de Annales – e para a longa duração – está a ideia de que, para entender os desenvolvimentos históricos, para explicar suas causas e dinâmicas, é preciso conhecer sua escala temporal e geográfica; é preciso saber o que aconteceu em suas bordas e em seu centro, por que se desenvolveram e por que desapareceram; e como eles mudaram durante esse período. Para isso, já que não podemos assumir que

conhecemos as escalas relevantes para os fenômenos que nos interessam, devemos continuamente colocar diferentes escalas temporais e geográficas uma contra a outra (Ames, 1991).

A História Indígena é uma abordagem decolonizadora que busca a inclusão de histórias indígenas e a colaboração com comunidades e estudiosos contemporâneos da antropologia, visando reformular as arqueologias do colonialismo. Para tanto, emprega uma ampla gama de estratégias metodológicas — arqueologia, etnohistória, pesquisa arquivística, histórias orais e perspectivas de descendentes — para compreender melhor os processos do colonialismo. Assim, propõem avançar os conceitos acadêmicos de "pré-histórico" e "colonial", focando, em vez disso, em sequências mais longas das histórias indígenas para melhor compreender os contextos coloniais. Ao explorar e esclarecer as complexidades das práticas diárias indígenas que moldam, e são moldadas, por histórias indígenas e locais, de longo prazo, emprega uma variedade de ferramentas teóricas, incluindo teorias da prática, agência, materialidade e temporalidade.

Além disso, os sambaquis evidenciam que a arqueologia não pode ser dissociada da vida das populações descendentes. Muitos desses sítios estão localizados em áreas atualmente ocupadas por comunidades indígenas ou por descendentes de populações tradicionais, que continuam a interagir com esses lugares e a manter práticas culturais herdadas de gerações passadas. O sítio Monte Castelo, escavado por Pugliese (2018), é um caso emblemático. Entre 2013 e 2016, foram registrados vestígios de reivindicação do espaço por pessoas e aldeias, como a demarcação de nomes e localidades nas árvores. Sob a perspectiva da história indígena de longa duração, Monte Castelo constituía um espaço de grande importância para os Tupari do rio Branco, que sofreram com o contato colonial, a exploração econômica e deslocamentos forçados (Pugliese, *op cit*, p.130-132).

Mesmo com a demarcação das terras no século XX, partes dessa região, incluindo áreas próximas ao rio Branco, ficaram fora da delimitação oficial, evidenciando que Monte Castelo ainda mantinha grande relevância, tendo servido no passado como ponto estratégico de caça e ocupação (Pugliese, *op cit*, p.134). Esse exemplo demonstra a continuidade do vínculo entre os povos indígenas e seus territórios históricos, evidenciando como a ocupação e o significado desses lugares persistem ao longo do tempo. Nesse sentido, a arqueologia, ao aplicar a abordagem da História Indígena de Longa Duração, permite compreender essa permanência histórica. Associado a isso, o perspectivismo ameríndio contribui para entender como os povos indígenas concebem e

interpretam o mundo, enquanto o xamanismo, por meio da atuação dos xamãs, atua como um sistema de mediação entre diferentes domínios do universo cosmológico. Nesse sentido, os animais não são percebidos apenas como recursos naturais, mas como seres dotados de consciência, intencionalidade e agência própria. Conforme definido por Prous (2018, p. 213–214), “[...] o xamanismo seria a crença na possibilidade de relações entre os humanos vivos e seres (“espíritos”) da natureza vegetal e/ou animal, assim como de humanos já mortos. O contato seria realizado com ajuda de técnicas, permitindo a modificação da consciência [...]”.

A possibilidade de alteração dos estados de consciência, frequentemente associada ao uso de substâncias alucinógenas em contextos rituais, constitui um elemento central para a interpretação proposta por Gomes (2013, p. 232) a respeito da função dos zoólitos. Segundo a autora, a presença de cavidades em um número significativo dessas estatuetas pode estar relacionada a práticas xamânicas, hipótese fundamentada em observações etnológicas que indicam o uso de objetos com cavidades semelhantes como recipientes em rituais dessa natureza. Assim, a interpretação dos zoólitos como possíveis instrumentos ou suportes associados ao xamanismo dialoga com observação etnológica que apontam para a dimensão simbólica e ritual desses artefatos, reforçando a pertinência de uma abordagem antropológica para sua análise.

Além disso, Prous (2018, p. 214) observa que, já em 2012, Gomes propõe uma interpretação baseada na ambiguidade formal presente em determinadas figuras zoólitas. A primeira refere-se a uma peça que pode ser percebida tanto como uma coruja quanto como uma figura humana, enquanto a segunda é inequivocamente antropomórfica, mas, quando observada de perfil, remete à forma de uma tartaruga.

Segundo essa perspectiva, tal ambiguidade formal poderia estar associada a concepções xamânicas nas quais as fronteiras entre humano e animal são fluidas e negociáveis. Desse modo, em sistemas cosmológicos desse tipo, os xamãs seriam capazes de transitar entre diferentes perspectivas ontológicas, assumindo formas humanas ou animais, o que se expressaria materialmente na produção de artefatos intencionalmente ambíguos.

Entretanto, Prous (*op cit*) manifesta reservas em relação a essa interpretação, ao destacar que o número de peças que apresentam tal ambiguidade é bastante limitado. Ainda assim, em estudos posteriores, Gomes retoma esse referencial antropológico como

uma chave interpretativa para a compreensão dos zoólitos, reafirmando o potencial explicativo do xamanismo na análise desses artefatos, mesmo diante das restrições apontadas.

Nesse sentido, a interpretação antropológica dos zoólitos apresentada anteriormente encontra respaldo nas abordagens teóricas da arqueologia pós-processual, especialmente na concepção de cultura material proposta por Hodder (1988), segundo a qual “se a cultura material, toda ela, tem uma dimensão simbólica tal que afeta a relação entre uma comunidade humana e as coisas, então toda a arqueologia, econômica e social, está afetada” (Hodder, 1988, p. 16, apud Gomes, 2013, p. 233)). A partir dessa perspectiva, ao reconhecer que a cultura material não se restringe a aspectos práticos ou funcionais, mas é permeada por significados simbólicos, torna-se fundamental investigar o que os objetos representavam para as sociedades que os produziram e utilizaram.

2.4 Outros olhares teóricos

O ensaio *Manguebeat e arqueologia: será que dá ‘samba aqui’?* (Deminicis et al, 2022), aplica a etnoarqueologia, suportada por ontologias relacionais, a partir de uma leitura alternativa sobre os sambaquis do litoral brasileiro. Ao adotar ontologias relacionais e animistas, o estudo questiona interpretações tradicionais que reduziram esses sítios a simples depósitos de resíduos alimentares, defendendo sua compreensão como arquiteturas funerárias dotadas de significados simbólicos.

Nesse contexto, os autores revisitam o desenvolvimento do pensamento arqueológico entre os séculos XVIII e XXI, evidenciando como as interpretações acerca dos sambaquis foram sendo transformadas ao longo do tempo. Observa-se que as abordagens iniciais privilegiaram principalmente aspectos metodológicos, descritivos e classificatórios, enquanto debates teóricos mais amplos passaram a ganhar maior destaque em momentos posteriores da arqueologia brasileira.

A partir desse enquadramento teórico, Deminicis et al (2022) avança na proposição de uma interpretação específica para os rituais funerários associados aos sambaquis, recorrendo às relações estabelecidas entre humanos, ambiente e animais, com ênfase nos caranguejos. Por se alimentarem de matéria orgânica em decomposição, esses animais teriam sido observados atentamente pelas populações sambaquianas. Tal característica biológica, associada à presença de mitos e narrativas que relacionam o caranguejo ao ser humano, contribuiu para que esse animal fosse incorporado às crenças

dessas sociedades como um mediador simbólico entre a vida e a morte. Dessa forma, o caranguejo passa a ocupar um papel central na interpretação proposta pelos autores sobre as práticas funerárias e a forma como a morte era compreendida e ritualizada nos sambaquis (Deminicis et al., *op. cit.*, p. 283).

Para fundamentar essa interpretação, os autores utilizam diferentes tipos de evidência, incluindo registros de mitos, observação direta do ambiente do manguezal, técnicas tradicionais de coleta de caranguejos e o conhecimento sobre a ecologia desses animais, desde a fase juvenil até a reprodução. O elemento simbólico central nos mitos analisados é a carapaça do caranguejo, cuja forma é interpretada como a representação de uma figura humana, estabelecendo uma ponte entre a vida humana e o mundo animal. Em um mito pertencente aos indígenas Tremembé, um homem é transformado em caranguejo por uma divindade para reencontrar sua amada, que se lança no manguezal cansada de sua infidelidade (Freitas et al., 2018, p. 157-158, apud Deminicis et al., ano, p. 275)). Um outro mito relatado por Deminicis et al (2022), conta que um pescador amazônico, ao sair para buscar alimento durante uma tempestade, roga a Deus para ser transformado em caranguejo, permitindo que sua carne alimente a família; posteriormente, a mulher reconhece seu marido na carapaça de um dos caranguejos, compreendendo sua transformação.

Essas narrativas demonstram que, na ontologia indígena animista, a carapaça do caranguejo funciona como um registro material da presença humana, materializando uma forma interna que conecta os mundos dos vivos e dos mortos. Nesse sentido, a observação do comportamento necrófago do caranguejo, e sua incorporação simbólica aos mitos, levou Deminicis et al. (*op. cit.*) a inferir que a necrofagia vai além de um processo puramente biológico. O que ocorre, segundo essa interpretação, é uma espécie de metamorfose simbólica: ao se alimentar de um corpo em decomposição, o caranguejo realiza uma forma de antropofagia, enquanto o humano se transforma no animal, deixando registrada uma impressão na carapaça do caranguejo, assumindo função ritual e antropofágica ao possibilitar a circulação de espíritos entre humanos e caranguejos.

Entendendo isso, percebe-se que os caranguejos não eram apenas parte da alimentação, mas exerciam um papel simbólico nos rituais antropofágicos, influenciando a proteção dos corpos e a escolha de indivíduos para os rituais (Demi et al., *op. cit.*, p. 283). É uma interpretação provocadora que foge das leituras tradicionalmente funcionalistas dos vestígios dos sambaquis, oferecendo uma perspectiva instigante sobre

a relação entre humanos, animais e ambiente, e ampliando a compreensão desses sítios como espaços de significados culturais complexos. Entretanto, à luz dos dados arqueológicos, esta abordagem não se sustenta, pois não há evidências, inclusive nas esculturas zoomórficas, do papel desempenhado por estes animais nos rituais sambaquianos. Além de tudo, a questão da antropofagia também incorre no mesmo problema: não há qualquer evidência deste ritual junto à esta comunidade pré-colombiana que ocupou o território brasileiro.

2.5 O nosso olhar

As diferentes perspectivas apresentadas demonstram que a interpretação dos sambaquis depende diretamente das escalas de análise, dos referenciais teóricos e das escolhas metodológicas adotadas. Se, por um lado, o processualismo privilegiou padrões de assentamento e respostas adaptativas, e, por outro, abordagens pós-processuais enfatizaram dimensões simbólicas e ontológicas, permanece como questão central compreender como essas dinâmicas se materializam na organização interna dos sítios.

É nesse ponto que se insere a presente pesquisa, que busca investigar o sambaqui MC1 a partir da distribuição espacial da indústria lítica, tomando como eixo interpretativo o conceito de práticas cotidianas.

Na pesquisa de campo foi adotada a metodologia de coleta amostral sistemática, visando identificar, de forma ampla e inicial, à sequência estratigráfica (Rocha, 2022), bem como caracterizar a distribuição espacial dos elementos composicionais. Tal escolha deve-se ao fato do sambaqui MC1 não apresentar nenhuma secção estratigráfica aparente, visto que se encontrava intacto, no ano de 2019. Dessa forma, para uma primeira aproximação sobre a composição e a distribuição crono-espacial do sambaqui, optamos pela amostragem sistemática, método amplamente utilizado nas pesquisas arqueológicas sobre distribuição espacial intrassítio (Plog et al 1978; Soler et al 2023; Ocaña e Soler 2006) e já aplicado por Barbosa-Guimarães (2007; 2011) aos sambaquis da Região dos Lagos, RJ. Tal método permite de forma rápida e segura a obtenção de dados iniciais sobre sítios arqueológicos, que serão utilizados tanto numa caracterização e análise prévia, como para determinar futuras abordagens metodológicas, a partir da continuidade da pesquisa.

Foram realizadas 32 sondagens colunares com coleta padronizada de amostras em níveis estratigráficos de 10 cm, registrando granulometria, coloração, composição da

matriz sedimentar, presença de material cultural e mudanças estratigráficas. Essa padronização subsidiou análises sobre o processo de formação dos sambaquis, incluindo estudo de perfis, cronologia e caracterização qualiquantitativa. As sondagens foram distribuídas em transectos radiais a partir de um ponto central aleatório, orientados pelos pontos cardeais e colaterais, com intervalos de 5 m, 3 m e 2 m, conforme o declive do terreno (Rocha, 2022).

Como resultado dessa estratégia amostral, foram coletadas 38 colunas amostrais, distribuídas em linhas radiais considerando os ângulos azimutais, totalizando 154 amostras obtidas por meio de tradagens. Após a triagem e quantificação pelo índice de volume (litro) (Rocha, 2022), o estudo concentrou-se na classificação dos artefatos líticos lascados e polidos em quartzo. Essa análise, associada à distinção das duas camadas arqueológicas identificadas, possibilitou compreender a distribuição espacial e estratigráfica dos vestígios e inferir possíveis áreas de atividade e diferentes momentos de ocupação do sítio. estabelecidas. Essa classificação, mais genérica, teve por base a proposta dos autores: Prous e Lima (1986/90). Assim, neste primeiro momento não utilizamos o conceito de cadeia de atividades para a descrição da indústria lítica do sítio MC1. De outra maneira foram analisadas as seguintes categorias mais gerais: matéria-prima (seixos e blocos), seixo utilizado sem modificação (batedor/percutor, base/bigorna, polidor, mão de pilão), núcleo bipolar, lasca espessa, lasca bipolar, micro lasca e resíduos de lascamento.

Os resultados obtidos foram interpretados à luz do conceito de práticas cotidianas, proposto por Barbosa Guimarães (2017) para direcionar o projeto, ao qual este estudo se relaciona. Assim, observa a autora, a presença de diferentes artefatos, representativos de atividades de uso, fabricação e descarte, indicariam que no sítio eram performatizadas práticas cotidianas e domésticas, relacionadas ao social, à economia, aos rituais e à habitabilidade

3. A INDÚSTRIA LÍTICA DAS COMUNIDADES SAMBAQUIANAS DO SAMBAQUI MORRO DAS CONCHAS 1

3.1 O sambaqui Morro das Conchas 1

A pesquisa no sambaqui Morro das Conchas 1 (MC1) foi iniciada no ano de 2019, dentro do projeto “Paisagens Sambaquianas: Paisagens da Memória (Produtividade – CNPq). Além deste sítio, mais dois foram abordados, naquela etapa de campo: o

sambaqui Morro das Conchas 2 e o sambaqui Morro do Vigia, todos localizados na Praia das Conchas, Cabo Frio, RJ. O objetivo do projeto citado é compreender a paisagem sambaquiana, enquanto demarcadora do território dos ancestrais, onde é proposto que o sambaqui assume o significado mnemônico: lugar de memória e de poder dos ancestrais. Visando compreender o papel do sambaqui MC1 na paisagem sambaquiana, optamos, neste estudo, por demonstrar sua função habitacional, a partir da análise espacial de áreas de atividades relacionadas ao uso, fabricação e descarte dos itens pertencentes à indústria lítica.

O sambaqui MC localiza-se nas coordenadas 24k 194.163.00m E 7.467.488.00 m S e encontra-se implantado sobre topo do Morro das Conchas, em cota 81 m. Compartilha com mais dois sambaquis, MC2 e Morro do Vigia, a paisagem da Praia das Conchas, onde também estão implantados em cotas acima de 10m de altitude (Quadro 1). O sambaqui MC1, de pequena dimensão e espessura, localiza-se exatamente na maior cota do Morro das Conchas, exatamente no ponto onde os/as visitantes atuais param para apreciar e registrar a paisagem marítima e praiana em 360° graus (Figura 1).

Este sítio mostra-se emblemático para o projeto, pois sendo um sítio que apresenta grande quantidade de artefatos líticos e raros vestígios faunísticos, parece indicar uma ocupação posterior à ocupação dos sambaquis MC2 e Morro do Vigia. Entretanto, sua proximidade com estes sítios, o compartilhamento da paisagem da Praia das Conchas e da indústria lítica, parece indicar uma forte associação entre eles. Assim, mesmo que a comunidade sambaquiana tenha ocupado posteriormente o sambaqui MC2, estamos seguindo a premissa de que esta comunidade tinha fortes laços entre si. Os resultados das datações absolutas devem auxiliar na compreensão do papel do MC2 dentro do território sambaquiano.

Quadro 1 – Resumo das informações sobre os sítios arqueológicos da comunidade sambaquiana da Praia das Conchas, Cabo Frio, RJ. R Elaboração: M.Barbosa, 2020

SÍTIO	LOCALIZAÇÃO GEOREFERENCIADA	IMPLANTAÇÃO	ALTITUDE	DIMENSÕES	ESPESSURA DA CAMADA ARQUEOLÓGICA	ARQUIVO
Morro das Conchas 1	24k 194.163.00m E 7.467.488.00 m S	Topo do Morro das Conchas	85m	1,140m ²	0,50m	154 amostras
Morro das Conchas 2	24k 193.944.00 m E/ 7.467.447.00 m S.	Crista do Morro das Conchas à meia vertente	28m	400m ²	0,80m	152 amostras
Morro do Vigia	24k 194.153.00 m E/ 7.468.119.00 m S.	Topo do Morro do Vigia	12m	1.800m ²	1,20m	273 amostras

Devemos observar, ainda, que a presença de bolsão conchífero no MC1, aparentando formar um pequeno mound de cerca de 80cm de diâmetro e 30cm de espessura, foi considerado para classificá-lo como sambaqui.

A triagem granulométrica, associada com os dados coletados em campo, permitiu à interpretação da estratigrafia do sambaqui MC1, a partir da existência de duas camadas arqueológicas, determinadas pela composição, granulometria e coloração dos sedimentos (Figura 2) segundo Rocha (2022):

O sítio apresenta dois estratos principais. O estrato basal, ou Camada I, é o nível mais antigo, formado por sedimento arenoso com coloração variando do marrom-claro ao alaranjado (Hue 7.5 YR 5/6 a 7/6) e espessura entre 15 e 20 cm, contendo grande quantidade de fragmentos de gnaiss provenientes da base do sítio. Os vestígios arqueológicos nesse nível são muito escassos, indicando tratar-se do estrato inicial de ocupação. Sobreposto a este, a Camada II, ou camada de ocupação, é composta também por sedimento arenoso, de coloração que vai do marrom escuro ao marrom muito escuro (Hue 7.5 YR 3/3 a 2/3) e espessura entre 20 e 40 cm. Nessa camada foram encontrados artefatos líticos lascados, seixos com marcas de uso, ossos faunísticos e fragmentos de carvão dispersos na matriz sedimentar, além de um pequeno bolsão de conchas na linha sul, sugerindo atividades de coleta ou descarte localizadas.

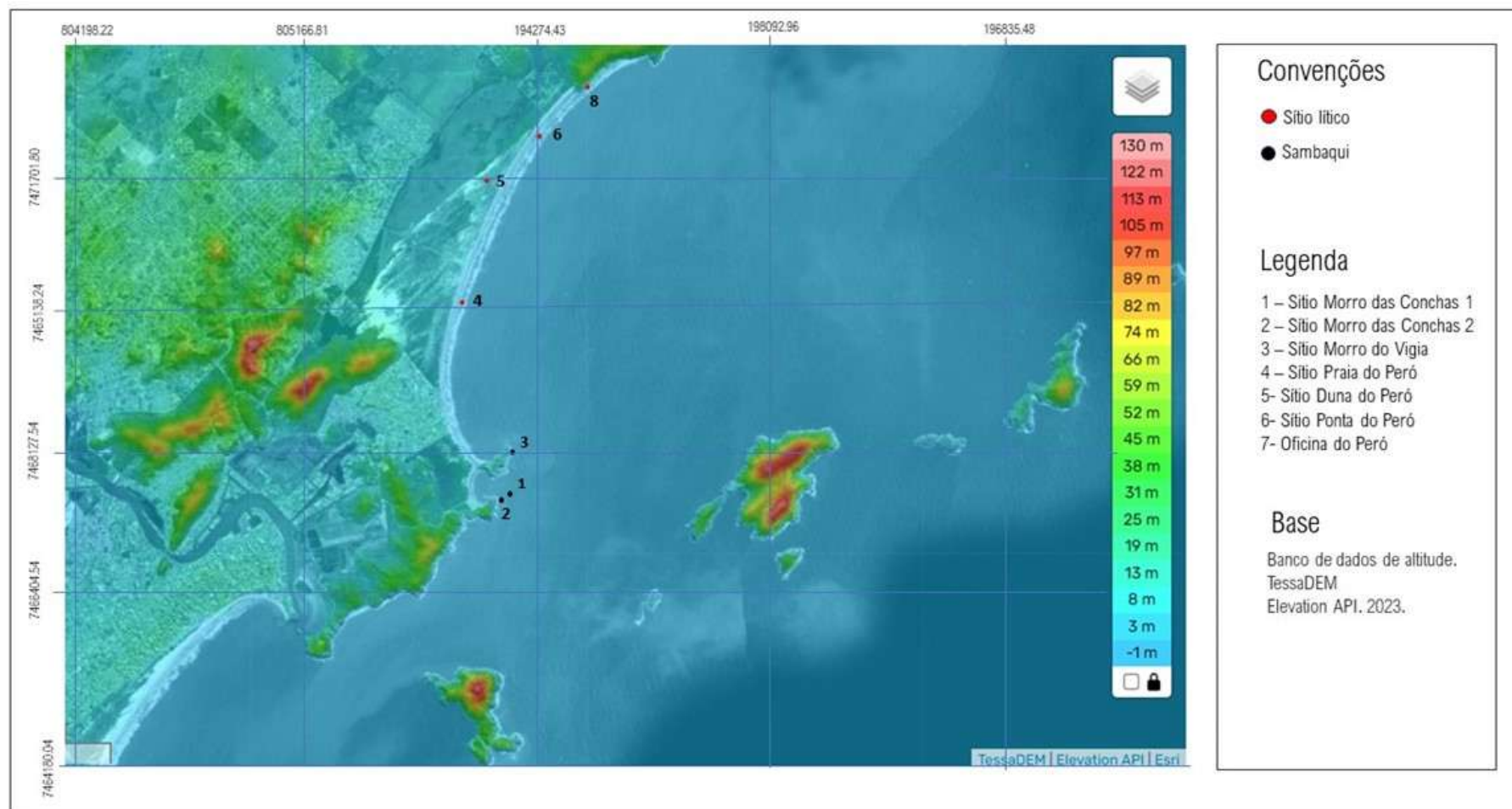


Figura 1- Mapa da área de estudo. Fonte: Barbosa guimarães (2020)

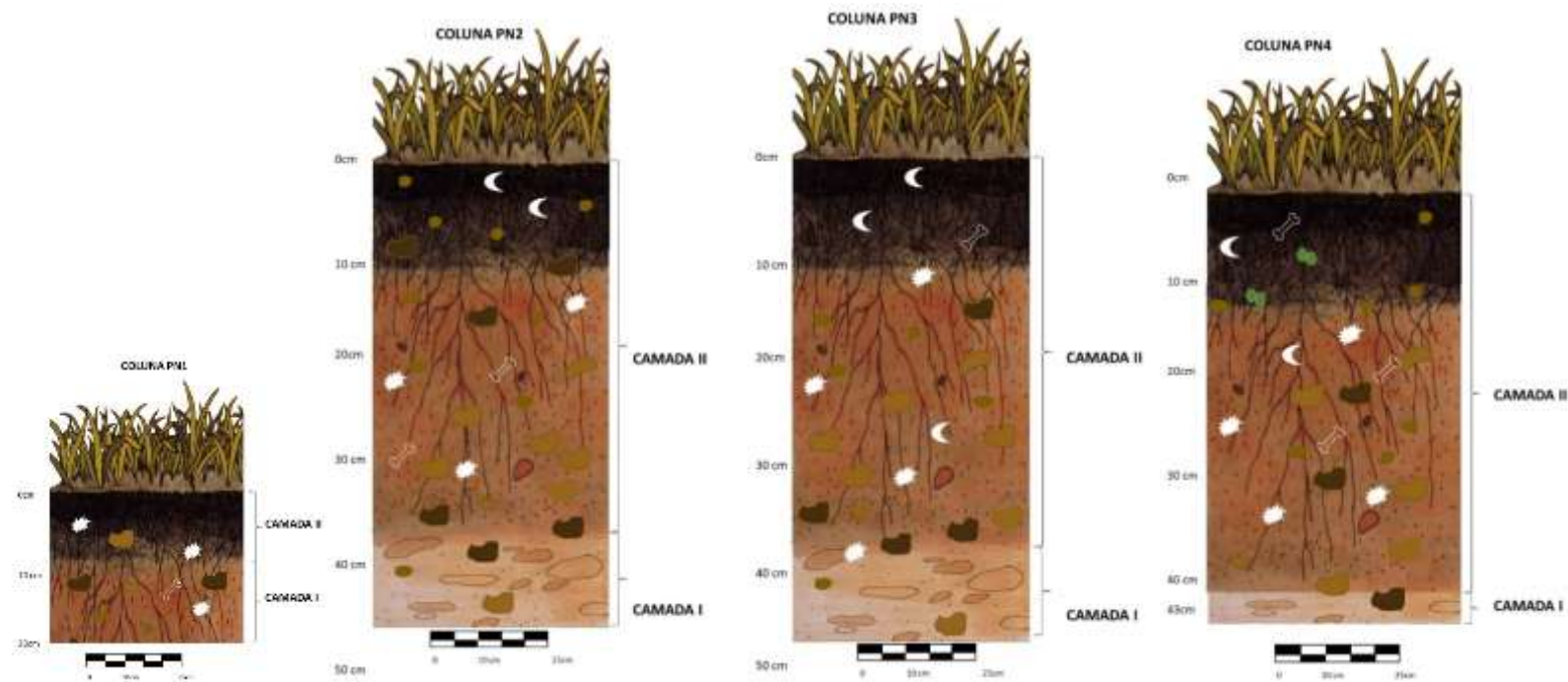


Figura 2 – Secção estratigráfica das colunas amostrais da linha norte, sambaqui MC1. Elaboração: M. Barbosa-Guimarães, 2020,

3.2 Paleopaisagem da Praia das Conchas

Em relação à implantação em cotas superiores a 10m de altitude Barbosa-Guimarães (2022), acredita que seja consequência do nível do mar, no momento de ocupação da comunidade sambaquiana, na atual Praia das Conchas. De acordo com estudos geomorfológicos, a atual enseada da Praia das Conchas e a restinga com campo de dunas, da Praia do Perú, foram marcadas por mudanças paleopaisagísticas, resultantes da descida gradual do nível marinho, após o evento do Ótimo Climático, em 6.000 anos AP.

Ainda de acordo com a autora (Barbosa-Guimarães, *op. cit.*, p. 74) considerando a importância da paisagem holocênica, os estudos sobre variação do nível do mar, para a costa da Região Sudeste, têm permitido a construção e o detalhamento da curva de variação do nível marinho, desde o período de transição, do final do Pleistoceno e início do Holoceno (Cunha et al., 2012, apud Barbosa-Guimarães, *op cit*).

De acordo com Castro et al (2012), há aproximadamente 8.500 anos cal AP, o nível marinho, encontrava-se a 0.5 m abaixo do nível atual. O “zero” (nível médio atual) foi ultrapassado pela primeira vez, no Holoceno, há cerca de 7.500 anos AP, e entre 5.500 e 4.500 cal anos AP, o nível relativo do mar atingiu o primeiro máximo holocênico, com altura de +2,8 m acima do atual. A descida do nível relativo do mar subsequente ao máximo transgressivo, levou à construção de terraços marinhos, resultando na progradação da linha de costa até o presente (Barbosa-Guimarães, *op. cit* apud Cunha et al, 2014, p. 679). Assim, a curva de variação do nível relativo do mar proposta pelos estudos citados, demonstra que durante o período Holoceno Médio, período que estamos propondo para a ocupação da comunidade sambaquiana do MC1, o nível marinho encontrava-se aproximadamente entre 2m e 1,5m acima do nível atual (Figura 3).

Barbosa-Guimarães () afirma, com base em Dias (2009) estudando especificamente a evolução costeira na porção referente à faixa entre a Praia das Conchas e a Praia do Perú, ou seja, o que estou considerando como território da comunidade sambaquieira em estudo, propõem que “a morfologia do arco praial do Perú, ancorado por promontórios rochosos nas suas extremidades, não teve alterações em seu formato de 3.373 e 3.000 cal A.P. até os dias atuais”. Neste sentido, os autores traçaram uma linha de paleopraia para este período, onde a enseada que caracteriza atualmente a Praia das Conchas já havia sido formada, embora mais profunda. Contudo, em relação à Praia do

Peró, não havia sido formada a restinga e as dunas, sobre as quais estão implantados os quatro sítios apresentados na figura 1. No seu lugar havia uma longa faixa costeira entre o Morro das Conchas e o Morro das Emerências.

Tal paleopaisagem informa, dessa maneira, que os sítios que ocuparam a restinga com o campo de dunas da Praia do Peró, ou seja, os sítios Praia do Peró, Ponta do Peró, Dunas do Peró e Oficina do Peró são mais recentes que 3.000 anos cal AP (Barbosa-Guimarães, *op. Cit.*). Esta cronologia já era esperada, pois os sítios implantados em dunas no litoral da Região dos Lagos são todos do Holoceno Tardio (Gaspar 1998, apud Barbosa Guimarães, *op cit.*). No sentido contrário, Barbosa-Guimarães (*op. cit.* p. 79) supõe que os sítios da Praia das Conchas podem ser mais antigos que 3.373 anos cal AP. Cronologia também esperada, considerando as datações dos sambaquis da Região do Lagos que se concentram no Holoceno Médio (Gaspar 1998; Barbosa-Guimarães, 2011).

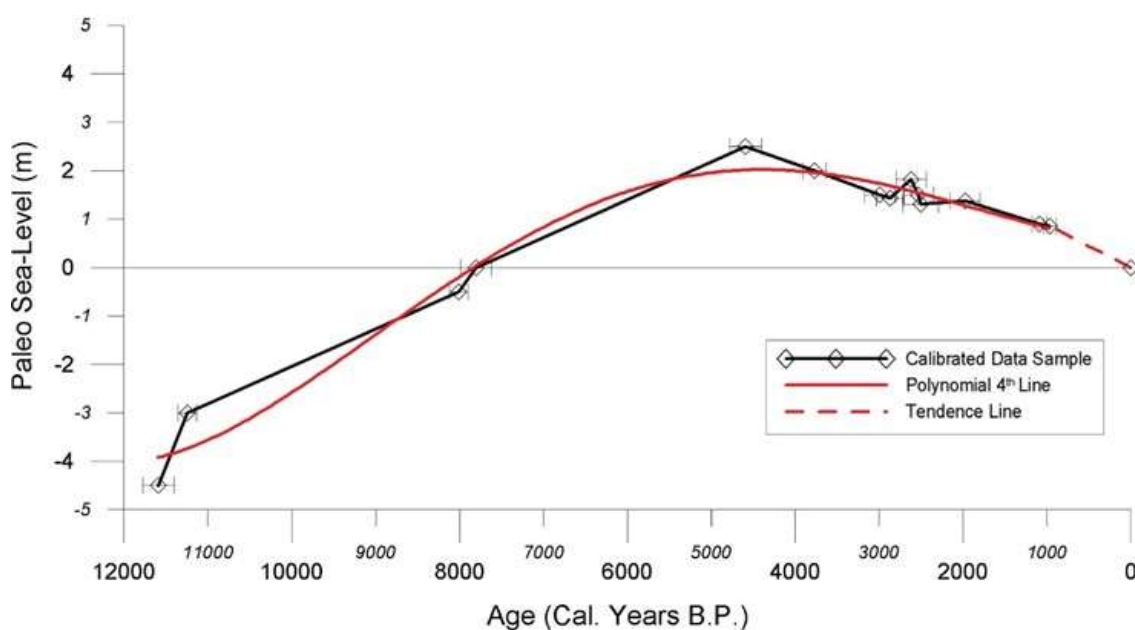


Figura 3 - Curva de variação relativa do nível do mar para o litoral do estado do rio de janeiro, sudeste do brasil. Retirado de cunha et al (2014).

Mesmo que a implantação em cota superior a 10m tenha sido uma necessidade para os colonizadores da Praia das Conchas, porque os sambaquianos escolheram o ponto mais alto para implantação do MC1? Considerando que as atividades de debitage do quartzo poderia se desenvolver na base do Morro das Conchas, pois a matéria-prima, o seixo de quarto, presente na Unidade Geológica de Associações Charnoquíticas (Castro et al, 2014), está disponível em toda a superfície deste morro, bem como os granitos para a fabricação de objetos lascados. Porque então um assentamento no ponto mais alto? Será que o sítio MC1 desempenhava a função de um sítio de observação e controle do

território? Sem dúvida, sua vista de 360° indica sua posição estratégica para a comunidade sambaquiiana. Assim, este lugar pode ter sido usado como ponto de vigília do território e de observação de cardumes de peixes, mamíferos marinhos e tartarugas (Figura 4).



Figura 4-Vista do sambaqui MC1 para: (A) sambaqui Morro do Vigia; (B) Praia das Conchas; (C) Praia do Peró. Foto: Barbosa-Guimarães, 2019.

3.3 A Indústria Lítica do MC1

Como dito anteriormente, nosso objetivo não foi a realização de uma análise tecnológica detalhada, mas sim a distribuição espacial de artefatos líticos identificados nas amostras analisadas. Assim, classificamos a indústria lítica do MC1 a partir da proposta de Prous e Lima (1986/90), a saber: matéria-prima (seixos e blocos), seixo utilizado sem modificação (batedor/percutor, base/bigorna, polidor, mão de pilão), núcleo bipolar, lasca espessa, lasca bipolar, micro lasca e resíduos de lascamento (Figura 5).



Figura 5- Alguns exemplares da indústria lítica do sítio MC1: acima, da direita para à esquerda: polidor, núcleo bipolar e lasca bipolar; abaixo, da direita para à esquerda: mão de pilão, micro lasca e lasca espessa. Retirado: Márcia Barbosa, 2018, 2025

A análise tecnológica preliminar indica presença de artefatos diagnósticos da técnica de debitage bipolar, notadamente as lascas espessas em forma de “gomo de laranja”, a lasca bipolar com talão achatado e sem bulbo, as micro lascas e os núcleos em formato prismático (“esgotados”), além de dois percutores com marcas de picoteamento no centro, de ambas as superfícies, e na lateral, bem como uma base com depressão, associada com marcas de picoteamento, na parte central, de uma das superfícies.

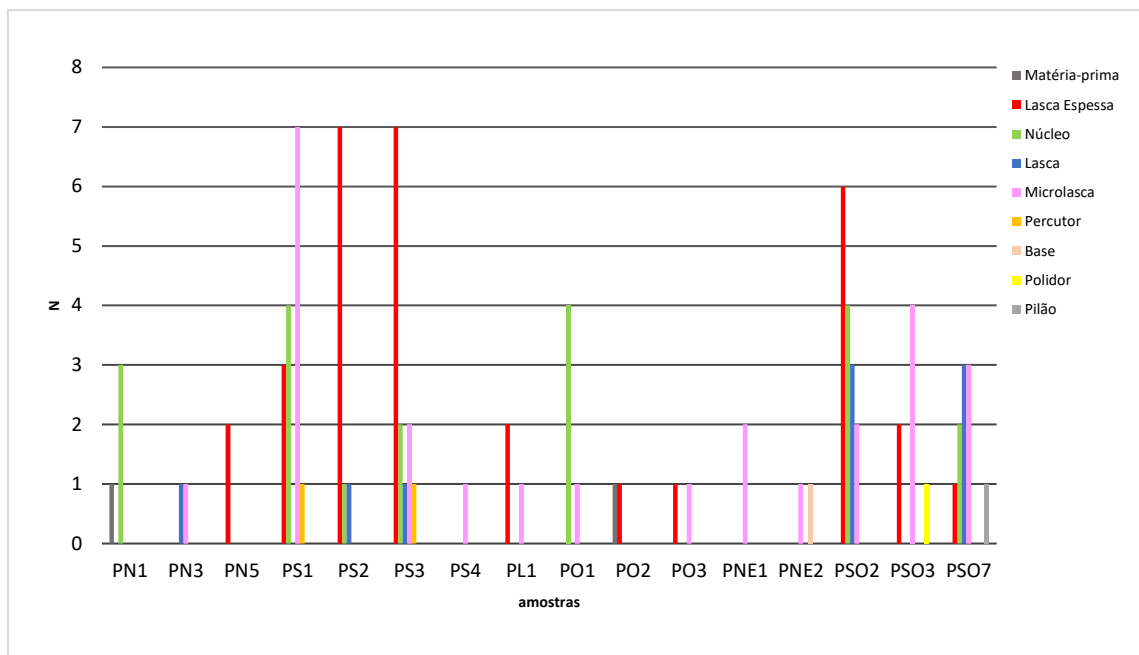


Figura 6-Gráfico de frequência das categorias líticas, na camada 2, do sambaqui mc1. Retirado: Autoria própria, 2025.

Considerando os dados quantitativos, observamos que as colunas PS1, PS2, PS3 E PSO2, foram as com maior quantidade de elementos da indústria lítica, tendo a lasca espessa e a microlasca com maior representatividade.

Com os dados quantitativos, realizamos a distribuição espacial das categorias líticas no sambaqui MC1. Os resultados permitiram identificar quatro áreas de concentração:

- ✚ área de maior concentração, medindo aproximadamente 15 x 10m (A);
- ✚ área de média concentração (B), na direção oeste/noroeste, medindo aproximadamente 30 x 25m;
- ✚ área de dispersão de exemplares da indústria lítica (C), medindo 90 x 75m, aproximadamente;
- ✚ e ponto amostral (D), referente à coluna PSO7, e que mede apenas 25cm de diâmetro (Figura 7).

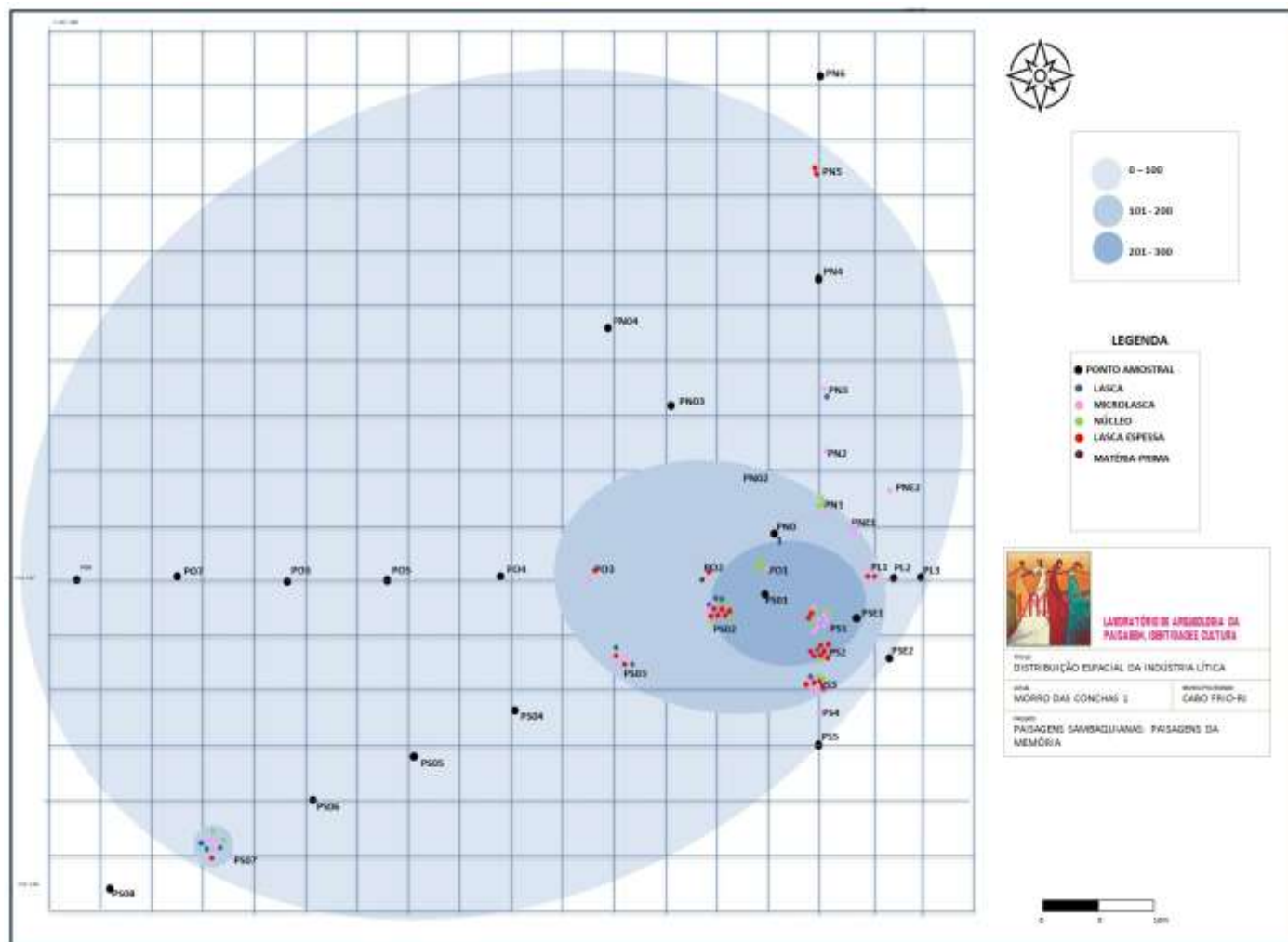


Figura 7-Distribuição espacial da indústria lítica no sambaqui MC1. Retirado: Autoria própria, 2025.

4. CONSIDERAÇÕES ACERCA DOS ARTEFATOS LÍTICOS E DO COTIDIANO NO SAMBAQUI MORRO DAS CONCHAS 1

Mesmo antes do século XX, já existia um intenso debate sobre a origem dos sambaquis e a natureza de seus materiais líticos. Wiener (1875) e Capanema (1876) foram pioneiros ao interpretar esses sítios como resultantes da ação humana; Capanema, em particular, propôs que os sambaquis se formariam a partir do descarte de materiais. Poucos anos depois, Netto (1882) associou os vestígios líticos ao uso cotidiano como ferramentas, além de relacionar a presença de ossos humanos à função funerária desses contextos.

Ao longo do século XX, as investigações avançaram com a incorporação de abordagens qualitativas e quantitativas. Prous (1992) aplicou essas perspectivas em escala macro, analisando diversos sítios do Centro-Sul, enquanto Belém privilegiou a escala micro ao empregar métodos quantitativos no estudo detalhado do sítio LBII. Mais recentemente, De Alencar (2019) retoma e amplia a interpretação proposta por Netto ao compreender o material lítico como parte integrante das práticas cotidianas. A partir da análise de vestígios associados a contextos funerários, a autora relaciona a produção desses artefatos ao papel predominante das mulheres no sambaqui Tenório.

Paralelamente, ao longo do século XXI, diferentes correntes teóricas passaram a aprofundar a compreensão desses sítios. A perspectiva processual contribuiu para interpretar os sambaquis dentro da longa duração da história indígena e de sua relação com a ecologia cultural, enfatizando padrões de adaptação, organização social e uso do ambiente. Por sua vez, abordagens pós-processuais ampliaram a análise ao considerar dimensões simbólicas e sociais, permitindo interpretações sobre elementos como os zoólitos. Nesse sentido, tais estudos contribuíram significativamente para o avanço das pesquisas sobre os materiais líticos ao longo do tempo e, consequentemente, influenciaram as interpretações do sítio MC1, especialmente ao compreender o lítico como parte das práticas cotidianas, e não apenas como resultado de descarte.

Nesse contexto, o sambaqui MC1 apresenta-se formado por uma matriz sedimentar, composta por bolsão conchífero, sendo diferente dos dois sambaquis existentes na Praia das Conchas, que apresentam uma matriz conchífera. Chama atenção, a presença frequente de exemplares líticos, resultantes, principalmente, da debitage bipolar. em quartzo. como lascas bipolares, lascas espessas, micro lascas, núcleos,

percutores, bases e resíduos de lascamento. Além destes foi recuperado um polidor e uma mão de pilão. c

A diversidade de artefatos líticos indica a diversidade de atividades exercidas: se os artefatos lascados como lasca espessa, microlasca e laca bipolar devem ter sido utilizados como facas e /ou raspadores a presença de um polidor e de uma mão de pilão parecem indicar atividades relacionadas ao trabalho com vegetais.

A distribuição espacial da indústria lítica, na camada 2, a camada de ocupação mais densa, demonstrou a presença de áreas com densidades diferentes: uma área ampla, que se caracteriza pela dispersão (C), e duas áreas menores, que se caracterizam por um padrão mais concentrado (A e B). Essas áreas, com um padrão mais concentrado, são diversificadas em termos de categorias líticas, o que demonstra uma diversidade de atividades, quer seja de fabricação, uso e descarte destes artefatos. A área D (PSO7) chama atenção, pois encontra-se isolada das duas áreas de concentração, apresentando, contudo, a mesma diversidade observada naquelas.

A presença de diferentes atividades executadas com artefatos líticos, em espaços concentrados, parece indicar que o sambaqui MC1 era um lugar de moradia, o lugar dos vivos e dos mortos, conforme observamos no início desta monografia. Conforme Rocha (2022) observa, há presença de vestígios faunísticos, artefatos líticos e restos macrobotânicos, o que reforça nossa hipótese de moradia para o MC1.

Os resultados deste estudo permitiram avançar no conhecimento sobre à comunidade sambaquiana da Praia das Conchas e sua paisagem, na medida que podemos aventar à hipótese de que o sambaqui Morro das Conchas 1, por sua matriz sedimentar e pela indústria lítica represente o momento final, da presença sambaquiana, nesta porção do litoral fluminense, seja este final ocasionado pela diminuição na oferta de recursos alimentares (com ressecamento de lagunas e desaparecimento de manguezais com a gradual descida do nível do mar), seja pela contato com populações relacionados aos falantes Macro-Jê, que chegavam ao litoral, por volta de 2060 anos cal AP (Barbosa-Guimarães, 2011). A continuidade do projeto permitirá explorar de forma mais detalhada estas hipóteses.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Arthur Braga; GASPAR, Maria Dulce Barcellos. A Arqueologia Imperial e as indústrias líticas de sambaquieiros nos discursos evolucionistas culturais (1820–1880). **Cadernos do LEPAARQ (UFPEL)**, p. 39–68, 2023.
- AMES, Kenneth M. The archaeology of the *longue durée*: temporal and spatial scale in the evolution of social complexity on the southern Northwest Coast. **Antiquity**, v. 65, n. 249, p. 935–945, 1991.
- BARRETO, C. N. G. B. **As ocupações pré-coloniais do Vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios concheiros do interior**. 1988. Dissertação (Mestrado) – MAE/USP, São Paulo, 1988.
- BARBOSA-GUIMARÃES, Márcia. Do lixo ao luxo: as premissas teórico-metodológicas e a noção de sambaqui. **Boletim do Museu Nacional, série Antropologia**, v. 63, p. 1–23, 2003.
- BARBOSA-GUIMARÃES, Márcia. Mudança e colapso no Litoral Fluminense: os sambaquieiros e os outros no Complexo Lagunar de Saquarema, RJ. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 21, p. 71–91, 2011.
- BARBOSA GUIMARÃES, M. **Projeto Paisagens Sambaquianas: Paisagens Ancestrais**. Projeto de Pesquisa. CNPq, 2017.
- BARBOSA GUIMARÃES, M. **Projeto Paisagens Sambaquianas: Paisagens Ancestrais**. Relatório de Pesquisa. CNPq, 2019.
- BARBOSA GUIMARÃES, M. **Projeto Paisagens Sambaquianas: Paisagens Ancestrais**. Relatório de Pesquisa. CNPq, 2020.
- BELEM, Fabiana Rodrigues. A indústria lítica dos pequenos sambaquis da costa sul catarinense: resultados preliminares. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, p. 77–82, 2011.
- BRAUDEL, Fernand. **On History**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- CAPANEMA, Guilherme Schüch de; RODRIGUES, João Barbosa; NOGUEIRA, Baptista Caetano de Almeida. **Ensaio de Sciencia**. Rio de Janeiro: Brown & Evaristo, 1876. 3 v.
- CASTRO, João Wagner Alencar et al. Rochas de Praia (Beachrocks) da Ilha do Cabo Frio, Arraial do Cabo: registro geológico ímpar da transição Pleistoceno–Holoceno no estado do Rio de Janeiro. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**, v. 35, n. 1, p. 236–241, 2012.
- CASTRO, João Wagner Alencar et al. Sea-level fluctuations and coastal evolution in the state of Rio de Janeiro, southeastern Brazil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, v. 86, n. 2, p. 671–683, 2014.

- CORRÊA, Ângelo Alves. Longue durée: história indígena e arqueologia. **Ciência e Cultura**, v. 65, n. 2, p. 26–29, 2013.
- CUNHA, A. L. et al. A importância da preservação das acumulações bioclásticas da planície costeira do Rio Una, municípios de Cabo Frio e Armação dos Búzios, RJ, Brasil. **Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ**, v. 35, n. 1, p. 58–67, 2012.
- DE ALENCAR, Soraya Martins. Gênero e gerações: o enfoque queer na produção lítica do sambaqui Tenório, no litoral paulista. **Revista Arqueologia Pública**, v. 13, n. 1, p. 238–254, 2019.
- DE OLIVEIRA, Jorge Eremites. Da pré-história à história indígena: (re)pensando a arqueologia e os povos canoieiros do Pantanal. **Revista de Arqueologia**, v. 16, n. 1, p. 71–86, 2003.
- DEMINICIS, Rafael Borges; MUNIZ, Tiago Silva Alves; D’ALMEIDA, Carolina Alves. Mangubeat e Arqueologia: será que dá “Samba Aqui”? Um ensaio etnoarqueológico por ontologias relacionais. **Tessituras: Revista de Antropologia e Arqueologia**, v. 10, n. 1, p. 266–291, 2022.
- GASPAR, Madu. Considerations about the sambaquis of Brazilian coast. **Latin American Antiquity**, v. 9, n. 3, p. 592–615, 1998.
- GASPAR, Madu. **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GOMES, Angela A. Perspectivas interpretativas no estudo das esculturas zoomórficas pré-coloniais do litoral sul do Brasil: uma abordagem preliminar. **Revista Memorare**, v. 1, n. 1, p. 231–236, 2013.
- GUIMARÃES, Márcia Rejane Vieira. Influência da evolução costeira holocênica na ocupação por grupos sambaquieiros. **Diálogo Andino**, 2013.
- HARTT, Charles. Contribuições para a ethnologia do Valle do Amazonas. **Archivos do Museu Nacional**, v. 6, 1885.
- IHERING, Herman von. A civilização prehistórica do Brazil Meridional. **Revista do Museu Paulista**, v. 1, p. 32–159, 1895.
- MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. **Memórias para a história da Capitania de São Vicente**. Brasília: Senado Federal, 2010.
- MADRE DE DEUS, Frei Gaspar da. **Memorias para a historia da capitania de S. Vicente**. Lisboa, 1797.
- NETTO, Ládisláu. A origem dos sambaquis. In: MELLO MORAES FILHO. **Revista da Exposição Antropológica Brasileira**. Rio de Janeiro, 1882.
- OCAÑA, Gema Lozano; SOLER, Luis María Gutiérrez. Microprospección arqueológica de Cerro Alcalá. **Anuario Arqueológico de Andalucía**, 2006.
- PLOG, Stephen; PLOG, Fred; WAIT, Walter. Decision making in modern surveys. In: **Advances in Archaeological Method and Theory**. New York, 1978.

- PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: EdUnB, 1992.
- PROUS, André; LIMA, Márcio A. A. **A tecnologia de debitagem do quartzo no centro de Minas Gerais: lascamento bipolar**. In: ARQUIVOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL. Editor responsável: WOLNEY LOBATO. 1986/1990.
- PROUS, André. As esculturas de pedra (zoólitos) e de osso dos sambaquis. **Revista Memorare**, 2018.
- PROUS, A.; LIMA, M. A. A tecnologia de debitagem do quartzo. **Arquivos do Museu de História Natural**, 1986.
- PROUS, A.; NEVES, G.; LIMA, A. P. O lugar do lascamento bipolar. **Arquivos do Museu de História Natural**, 2012.
- PUGLIESE JUNIOR, Francisco Antônio. **A história indígena profunda do sambaqui Monte Castelo**. 2018. Tese (Doutorado) – USP, São Paulo, 2018.
- REIRE, Teresa. **A cal nos revestimentos interiores portugueses: 20 séculos de história**. 2016.
- ROCHA, N. **Processo de Formação do Sítio Morro das Conchas 1**. Monografia – UFS, 2022.
- SANTANA, Cristiana de Cerqueira Silva et al. Amoladores-polidores fixos no litoral da Bahia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 2013.
- SCHIFFER, Michael B. Archaeological context and systemic context. **American Antiquity**, 1972.
- SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da. **Bacanga, Paço do Lumiar e Panaquatira**. Tese (Doutorado) – USP, 2012.
- SILVA, Fabíola Andréa; NOELLI, Francisco Silva. História indígena e arqueologia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 2016.
- SOLER, Luis María Gutiérrez et al. Sampling with transects inside archaeological sites. **Journal of Archaeological Science: Reports**, 2023.
- TENÓRIO, Maria Cristina. Os amoladores-polidores fixos. **Revista de Arqueologia**, 2003.
- WIENER, Carlos. Estudos sobre os sambaquis do sul do Brasil. **Archivos do Museu Nacional**, 1875.